



A EVOLUÇÃO DE UM ESTILO MÚSICAL E SOCIAL E A NOVA GEOGRAFIA CULTURAL: O RAP NO BRASILEIRO E O ESTADUNIDENSE

Henriqui Crispi

Patrick Ribeiro

Cezar Pavan Giatti

João Marcos Pilz

INTRODUÇÃO:

O presente artigo tem o intuito de analisar, dentro de um contexto histórico, os elementos referentes à cultura hip-hop no Brasil e nos Estados Unidos da América e identificar os padrões sociais e culturais que os diferenciam. Analisando a origem de cada um e suas influências do passado e presente sempre relacionando a questões geográficas plausíveis de estudo no campo da Geografia Cultural.

Espera-se ao fim do trabalho compreender o contexto histórico do rap no Brasil e Estados Unidos desde sua origem às influências, identificando seus respectivos códigos, símbolos e lugares, e como esse ritmo molda o caráter de um determinado lugar e o diferencia de outros.

METODOLOGIA:

Através de leituras complementares de vários autores, não só da Geografia, e da comparação de estilo e letra de músicas de grupos do Brasil (quadro 2) e também dos

EUA (quadro 1), buscamos o entendimento dos variados fatores que moldam e constrói o Movimento Hip Hop nos dois países, identificando sua formação, sua forma de socialização, seus efeitos na vida dos envolvidos, seu passado histórico e como esse movimento atua na vida das pessoas dando voz a uma classe que muitas vezes é excluída da sociedade, para isso foi realizado um estudo comparativo entre as décadas de 1980, 1990 e pós 2000 (quadro 1 e 2).

EUA	Anos 80	Anos 90	Pós 2000
AFRIKA BAMBAATAA	DJ americano. Inovou os paradigmas do electro e também é reconhecido como sendo o padrinho ou pai do Hip Hop por ter sido o primeiro a utilizar o termo e dar as bases técnica e artística para o "Hip Hop".		
RUN-D.M.C	O grupo teve um enorme impacto no desenvolvimento do hip hop nos anos 80 e é considerado a ponte entre a velha e nova escola.		
BEASTIE BOYS	Os Beastie Boys foram a primeira banda rap de brancos bem sucedida. O nome "Beastie" significava, originalmente "Boys Entering Anarchistic States Towards Inner Excellence," (em português quer dizer algo como "Rapazes que incorporam estados de anarquia para a excelência interna")		
TUPAC SHAKUR		A maioria das suas canções trata sobre como crescer no meio da violência e da miséria nos guetos, o racismo, os problemas da sociedade e os conflitos com os outros rappers. O trabalho de Shakur é conhecido por defender a igualdade política, econômica, social e racial.	
NOTORIOUS B.I.G		The Notorious B.I.G. (Business Instead of	

		Game) entrou na história do rap como o ícone da Costa Leste dos EUA. Suas letras tratavam sobre sua rotina nas ruas como gangster e traficante desde os 12 anos de idade.	
SNOOP DOGG		Em 1992, quando ele surgiu, a costa oeste era conhecida por artistas considerados inteligentes da linha gangsta rap, que pintavam um retrato realista e perturbador da vida.	
EMINEM			Adquiriu rápida popularidade em 1999 com o lançamento do disco <i>The Slim Shady LP</i> , o qual venceu o Grammy Award de Melhor Álbum de Rap. O seu próximo trabalho, <i>The Marshall Mathers LP</i> , se tornou o álbum solo mais vendido na história dos Estados Unidos. Tal fato o tornou conhecido no mundo inteiro, e ajudou para a divulgação de sua gravadora, a Shady Records, e do seu grupo, o D12.
50 CENT			Lançou seu primeiro CD em 2003, Suas músicas tem origem dos raps gangsta, onde suas letras retratavam seu cotidiano nas ruas, nos dias de hoje seu Rap é mais voltado ao Bling-bling onde as letras falam de suas riquezas como jóias, carros e mansões.

Quadro 1 – Músicos dos Estados Unidos nas décadas de 1980, 1990 e pós 2000.

BRASILEIRO	ANOS 80	ANOS 90	POS 2000
Racionais MCS	O grupo considerado como uns dos mais influentes no Brasil,		

	destaca a violência sofrida pelo povos da periferia, os seus interesses, denunciando o racismo, desigualdade social existentes nas periferias de São Paulo.		
thaide	<i>Thaide</i> faz parte da velha escola do rap nacional, iniciou sua carreira no início dos anos 80 como um dos fundadores da equipe de break <i>Back Spin</i> . Suas músicas tratavam do estilo black, as danças, músicas e formas.		
Facção Central		O grupo tem um estilo musical próprio: agressivo, violento, as letras do grupo seguem um violento estilo, entretanto racional. O grupo utiliza a linguagem da periferia (<i>gírias</i>) e a linguagem formal. Também é comum o grupo utilizar partes de músicas clássicas para iniciarem suas músicas. A religião se faz presente como mediadora, uma metáfora para a violência da Terra, como em "Deus Anda de Blindado"	
Sabotage		Em toda sua carreira, compôs dezenas de trabalhos e alguns deles se tornaram uma espécie de hino para expor a árdua opressão que a classe dominada sente perante a dominante.	
Mv Bill		Conhecido por suas letras agressivas ao sistema, por ser um ativista social e até mesmo acusado de apologia ao tráfico de drogas	
RZO		Grupo retrata a dificuldade passada no	

		dia a dia das periferias de São Paulo.	
Criolo			Criolo Doido, conhecido a partir do ano 2000, traz ideologia de vida, a dificuldade das periferias, o uso de drogas e suas consequências, colocando com argumentos políticos.
Emicida			O Rapper tem suas expressões políticas através de suas letras e rimas com questões atuais.
Inquérito			O grupo formado em campinas-SP, lançou seu primeiro cd em 2005, suas músicas retratam a realidade vivida hoje nas periferias, protestos políticos e experiências de vida.

Quadro 2 – Músicos dos Brasil nas décadas de 1980, 1990 e pós 2000.

A Geografia, Geografia Cultural e a inserção da Música.

A geografia como um todo já passou por diversas mudanças e críticas ao longo de sua história. Uma das críticas sofridas pela geografia foi sobre a definição do seu objeto de estudo ou a falta dela, uma vez que sendo uma ciência aberta que abrange várias linhas de pensamentos e que estuda vários objetos de outras ciências, a geografia e seus profissionais foram criticados por não dominarem completamente determinado campo de estudo ou por não ter um objeto claramente definido, pois dentro da geografia se estuda objetos da biologia, história, sociologia, dentre outras. Portanto a geografia precisou se moldar e se atualizar de acordo com os fenômenos que aconteciam e as críticas sofridas, como por exemplo, o desenvolvimento da sociedade e do meio-técnico-científico-informacional fazendo com que a geografia desprende-se de suas técnicas clássicas tradicionais de estudo, como o empirismo (observação), para técnicas mais avançadas e atuais de acordo com o momento da humanidade e do seu meio técnico-científico-informacional como dizia Milton Santos, como por exemplo, a geografia sistêmica e

teorética. Ou seja, era preciso perder o caráter “eminente descritivo, mantendo a tônica de todo o pensamento geográfico” (MORAES,2005).

A partir daí a Geografia passa por vários momentos de sua epistemologia e por várias divisões em seu caráter acadêmico. Sendo assim a ciência passa por diversas mudanças e classificações desde a Geografia Clássica, passando pela geografia sistêmica, teorética, até a geografia moderna. E uma das linhas do pensamento geográfico tratado neste trabalho é a Geografia Cultural que como a geografia no geral passou por mudanças e críticas ao longo de sua trajetória.

De acordo com Castro (2009), a Geografia Cultural a partir dos anos 70 passou por transformações no que diz respeito à epistemologia e metodologia gerando um debate que foi considerado como uma dicotomia entre geografia cultural tradicional e a geografia cultural renovada. Os estudos que englobam música e geografia pós anos 70 no âmbito da geografia humana eram escassos e foi essa associação – geografia e música - que transformou radicalmente a geografia cultural atingindo “a raiz da disciplina: o conceito de cultura.” (Castro, 2009). Hoefle (1998) afirma que uma das principais discussões sobre este conceito consiste na abrangência dos fenômenos sociais entendido como cultura, uma vez que existem duas visões principais: a primeira mais abrangente, que conceitua cultura como toda forma de expressão humana. A segunda, mais restrita, que considera cultura como a parte cognitiva da vida, a atribuição de significados que o homem faz as diversas esferas da vida, por meio de representações simbólicas, constituindo mapas de significados.

Os principais autores, que publicaram o maior número de trabalhos sobre o assunto, são George O. Carney e Lily Kong e foram muito importantes para a inclusão da música no âmbito da geografia cultural. Carney (2013) aponta diversos fenômenos musicais que fazem da música um objeto plausível da geografia, são eles: estilo/gênero, estrutura, letras, instrumentação, interpretes e compositores, centros e eventos, mídia, música étnica e indústria. É a partir dessas categorias que o campo da geografia e música obtém uma gama de possibilidades de estudo seja de caráter empírico, descritivo, humanista, à teorética, não analítica e subjetiva.

Lily Kong (1995), por sua vez, contribui em vários pontos importantes nessa relação geografia e música. Ela aponta para a negligencia da geografia cultural com a

ANAIS DO 2º WORKSHOP DE GEOGRAFIA CULTURAL: Da cultura material ao simbolismo cultural

24 e 25 de junho de 2015

Alfenas-MG

www.unifal-mg.edu.br/geografia/workshopdegeografiacultural

música, em primeiro lugar, pois os geógrafos, segundo ela, por muito tempo elitistas em seus estudos privilegiou a cultura das elites em relação à cultura popular. Em segundo lugar, ela aponta para o fato de que geografia cultural privilegiou somente os aspectos visuais, até pela influência do iluminismo e das ciências empíricas, e não enxergou nos aspectos como audição, olfato, paladar uma fonte de estudo. Ela aponta ainda para a definição de paisagem por parte dos geógrafos como “a porção visível do espaço” ou “tudo aquilo que se vê”, ou seja, cheiros e sabores não são associados à paisagem. E contra isso Kong (1995) aponta para a importância que os sons têm na caracterização de diferentes espaços como urbano e rural, os naturais como o canto dos pássaros ou o som do vento nas árvores, dentre outros. Para Kong, uma das razões para a geografia estudar a música é de que não existe uma sociedade que não haja música, ela está presente no cotidiano de todos, logo a música é fonte de imaginação de imagens ou paisagens dos lugares, é capaz transmitir experiências ambientais enriquecendo debates que englobam conceitos como espaço e lugar.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, é válido citar Marandola e suas contribuições sobre conceitos como geograficidade e espacialidades e sua devida epistemologia, que segundo o mesmo, estes conceitos têm diferentes embasamentos na geografia e filosofia. Os filósofos tratam o assunto geograficidade como habitar um espaço ou ser-e-estar-no-mundo (Marandola, 2011). Já a geografia atribui o termo geograficidade para entender esse fenômeno, de ser, estar, experimentar, influenciar, que é plausível de estudo juntamente com o campo da música na geografia cultural, pois geograficidade “é de fato, uma nomenclatura das formas geográficas de ser-e-estar-no-mundo.” (RELPH, 1985, p.21). Ou seja, tudo e qualquer forma de expressão humana que influencie em um determinado espaço ditando seus costumes e características e que indica a existência de certa cultura em algum lugar englobam o conceito das geograficidades e espacialidades e é objeto de estudo da geografia. Região, lugar, espaço e paisagem, na perspectiva fenomenológica da experiência vivida, são aspectos fundamentais da unidade do ser humano, indivisíveis do ambiente mundano: são modos geográficos de existência, segundo Relph (1985).

Contexto histórico do rap americano:

“O Movimento Hip-Hop origina-se das periferias urbanas dos Estados Unidos, quando nos meados dos anos 70 as equipes de bailes propuseram que os jovens negros e hispânicos agrupados em gangues no bairro do Bronx, Nova Iorque resolvessem as disputas através da dança e não da violência” (S. Laitano, G. 2004). Segundo Breitner Tavares, professor do Instituto de Ciências sociais da UFAL, O hip-hop, desde sua origem, tem sido associado a uma arte voltada para segmentos excluídos no espaço urbano, como jovens imigrantes, negros, mulheres, entre outros. Está diretamente ligada a cultura africana e o movimento negro, e de acordo com os fenômenos musicais plausíveis de estudos da Geografia Cultural, segundo George O. Carney em sua obra *The Sounds of People and Places*, é campo também de estudo e se encaixa no oitavo ponto citado pelo autor que seria a etnia/música étnica.

“O hip hop quer dizer literalmente “saltar mexendo os quadris” e se desdobra em quatro elementos: o rap, o grafite, o break e o DJ” (S. Laitano, G. 2004). O mais importante deles o RAP significa “Rhythm and Poetry” que, encaixa a letra ou poesia em uma base musical produzida pelo DJ, e é considerado a vertente mais importante do movimento. Segundo Laitano, o movimento adere quatro áreas da expressão humana: escrita, corporal, plástica e musical, e estas expressões originam um vocabulário próprio: bboy e bgirl (dançarinos de break dance), mc (mestre de cerimônias). “A articulação do movimento ocorre principalmente na rua (a rua é local de encontro dos jovens moradores da periferia)” (Santos Laitano, G. 2004). Ou seja, o movimento é diretamente ligado à rua e as periferias das cidades que segundo Carney seria o fenômeno de delimitação de regiões musicais e interpretação da música regional.

Uma das origens do rap seria a adaptação do canto falado da África Ocidental a música feita pelos Jamaicanos na década de 50, onde colocavam um disco para tocar e falavam sobre a base animando as festas. Ou seja, acontecia a “difusão do fenômeno musical da música jamaicana para o surgimento do RAP, como na trajetória do country blues da sua origem, no Mississipi para Chicago” (Carney, 2003).

De acordo com Wivian Weller¹ o Hip-hop também foi importante no resgate da história e cultura dos afrodescendentes de uma forma crítica, pois os currículos escolares,

¹ Graduada em Ciências da Educação (Hauptfach) com formação complementar em Sociologia e Psicologia (Nebenfächer); especialista em Métodos Qualitativos nas Ciências Sociais, mestre em Ciências da
ANAIS DO 2º WORKSHOP DE GEOGRAFIA CULTURAL: Da cultura material ao simbolismo cultural
24 e 25 de junho de 2015
Alfenas-MG
www.unifal-mg.edu.br/geografia/workshopdegeografiacultural

reproduzem a história da população negra somente a partir do “processo da escravidão”, negando a existência de uma história e cultura negra anterior ao processo da escravidão e de um desenvolvimento posterior nas Américas, e através de uma série de conflitos políticos ocorridos na década de 60, como, por exemplo, as leis segregacionistas e a discriminação do negro, além dos discursos de líderes como Malcom X e Martin Luther King Jr., a militância armada dos panteras negras propiciou a manifestação e o protesto da população marginalizada através da música, da rima, da dança e da arte, o que mais tarde se caracterizaria no movimento Hip Hop.

O grupo que fez o Gangsta Rap se tornar conhecido foi o N.W. A, formado pelo finado Eazy-E, Dr.Dre, Ice Cube, Mc Ren e Dj Yella, eles falavam sobre a brutalidade da polícia, sobre os problemas que afetam as comunidades, as rixas que acontecem no gueto, e sobre o tráfico, que é o comércio mais ativo na maioria das periferias, e como nos EUA os Bloods & Crips haviam se espalhado como uma epidemia, e as letras se baseiam em membros de gangues, assim se deu o nome a esse estilo de rimar de Gangsta Rap.

O Gangsta Rap (Rap Gângster) surgiu nos Estados Unidos no meio dos anos 1980 com o Ice-T (e outros) como LL Cool J. Com letras duras e violentas, o gangsta rap logo ganhou espaço na mídia. Entre os maiores cantores e grupos de gangsta rap destacam-se 2pac, N.W.A., Compton's Most Wanted, Snoop Doggy Dogg entre outros, que entre as suas rimas falavam das desigualdades e do racismo, além do ódio que sentiam uns pelos outros.

Contexto histórico do rap brasileiro:

“Historicamente, o hip-hop se refere ao movimento cultural produzido por jovens negros e latinos, surgido em espaços segregados de grandes metrópoles dos Estados Unidos e da Inglaterra no final dos anos 1960, por intermédio da influência dub de origem caribenha e jamaicana que chegava aos EUA trazida por imigrantes. Naquele período, havia uma profusão de estilos sub-culturais que se estruturavam gradualmente sob a ótica

Educação e doutora em Sociologia pela Freie Universität Berlin, Alemanha. Realizou estudos de pós-doutorado na Graduate School of Education - Stanford University, EUA (09/2012-08/2013).

ANAIS DO 2º WORKSHOP DE GEOGRAFIA CULTURAL: Da cultura material ao simbolismo cultural

24 e 25 de junho de 2015

Alfenas-MG

www.unifal-mg.edu.br/geografia/workshopdegeografiacultural

de uma cultura transnacional, globalizada, como ocorria com o rock, o reggae, entre outros” (TAVARES, 2010).

Segundo Elaine Nunes de Andrade² no Brasil esse movimento surgiu em meados de 1990, quando o ritmo e o estilo de vida eclodem na capital paulista, jovens da região metropolitana articulavam-se para inaugurar um ciclo de criação em que uma arte juvenil transformava-se em prática política, era a juventude negra que, influenciada por seus ancestrais, soube dar continuidade a formas simbólicas de resistência. Ou seja, o rap brasileiro sempre esteve ligado à comunidade negra e as classes excluídas e se tornou uma forma de expressão e protesto pela situação que viviam em uma sociedade elitista.

“Foi capaz de reivindicar as práticas de discriminação étnica e, principalmente, arrebatou a “massa” – esse foi e continua sendo o maior mérito da mobilização dos hip hoppers” (ANDRADE, E. N. 1999).

O Rap nacional dos anos 90 tem suas músicas baseadas em protestos sociais, políticos e até mesmo culturais, era e é visto até hoje como uma forma de educar e instruir os jovens das periferias sobre questões que envolvem valores culturais, sociais e políticos, com o objetivo de desfazer a alienação que envolve essa classe da sociedade em relação a essas questões. Grupos como Racionais MC's, Thaíde e DJ Hum, Código 13, entre outros foram os pioneiros do rap no Brasil, pioneiros no sentido de compor suas próprias músicas, produzindo LP's, K7's, divulgando e transmitindo suas mensagens para as comunidades como forma de alerta aos problemas vividos pela classe negra e pelos problemas oriundos do descaso das autoridades políticas. As letras dos grupos dos anos 90 retrata bem essa realidade.

Em 1992, os Racionais MC 's, grupo mais influente no rap nacional até hoje, lançaram seu segundo álbum chamado "Escolha seu Caminho", com as vigorosas e contundentes faixas "Voz Ativa" e "Negro Limitado". Fortalecendo, assim, a proposta de crítica social e política do rap nacional. Mais pra frente por volta de 1998 vieram outros grupos já influenciados pelo movimento como, Realidade Cruel, Trilha Sonora do Gueto, Sabotage que expunham nas letras o dia-a-dia da população menos favorecida e excluída, negligenciada pelas camadas superiores e autoridades, que cometem crimes como roubos,

² Organizadora do livro Rap e Educação Rap é Educação, publicado pela editora Selo Negro, 1999, São Paulo, Brasil.

assaltos e tráfico de drogas, para conseguir uma forma de sobrevivência e mostravam como o Rap é uma válvula de escape dessa realidade cruel.

Já nos anos 2000, o rap nacional sofre algumas mudanças, muito pelo fato de a associação do movimento com a cultura negra e as classes excluídas já não ser o único conceito em relação à essa cultura. A mudança ocorre pelo fato da música ter chegado até as classes maiores, uma vez que hoje em dia não temos só rap sendo feito nas periferias, temos rap sendo feito também nos prédios dos bairros nobres de muitas cidades pelo país. Ou seja, o rap deixou de ser a trilha sonora exclusiva do gueto e passou a ser a música tocada também nos aparelhos de som de carros da classe média e alta, fazendo com que o rap passasse a ser produzido também por essa porção da sociedade, como já citado anteriormente. Surgem nomes como Marechal, Shawlin, Criolo, Rapadura, Inquérito ainda com o espírito de luta social e crítica ao sistema, porém já introduz um novo estilo nas rimas e nas mensagens passadas. Por fim, hoje temos uma nova escola do rap que com o avanço do meio técnico-científico-informacional de Milton Santos, passou a ser produzidos por jovens e divulgados na internet, com letras que fazem a crítica social mas que também expressam coisas rotineiras do dia-a-dia, lazer, bebidas, baladas e até ao consumo e legalização da maconha como os grupos Oriente, Haikaiss, Emicida, Cone Crew Diretoria, Cartel MC's, entre outros.

Diferenças e semelhanças:

No Brasil não existem muitos estudos com base nesse assunto, primeiro por que o movimento e a cultura são ainda marginalizados por grande parte da sociedade, e também existe certa negligência principalmente por parte da geografia em relação à música, que de acordo com Lily Kong (1995) os geógrafos foram por muito tempo bastante elitista, ou seja, privilegiou a cultura das elites e não a cultura popular. “Todavia, essa hegemonia da cultura dominante tem sido contestada recentemente, com o reconhecimento de que a cultura popular é, na verdade, uma fonte inesgotável de consciência popular” (CASTRO, 2009). Em segundo lugar, a negligência por parte da geografia cultural se baseia no fato da geografia ser uma ciência empírica e não privilegiou o estudo de aspectos não visuais. Smith (1997) aponta ainda para o envolvimento da geografia humana com uma política cultural baseando no iluminismo (ver é acreditar), ou seja, sempre ligado à ideologia visual.

ANAIS DO 2º WORKSHOP DE GEOGRAFIA CULTURAL: Da cultura material ao simbolismo cultural

24 e 25 de junho de 2015

Alfenas-MG

www.unifal-mg.edu.br/geografia/workshopdegeografiacultural

A música no Brasil e nos Estados Unidos se diferenciam no que se diz respeito ao investimento, nos Estados Unidos o investimento é muito maior, acontece grandes shows, existem muitas salas de concertos a indústria fonográfica investe nos seus artistas e a divulgação dos trabalhos são bem maiores do que no Brasil, no Brasil o Rap é mais periférico e não é tão difundido como lá fora, sendo assim ele fica mais restrito a algumas classes sociais, mas isso está mudando, pois o rap nacional vem se tornando forte nos últimos anos, tendo bastante visibilidade e recebendo apoio de grandes empresas, como o novo CD do Criolo, que recebeu patrocínio da Petrobras, tendo em vista que só assim o CD poderia ser lançado gratuitamente pra todos na internet. Fora os investimentos que são maiores lá fora, o rap nacional e o rap americano são mais semelhantes do que diferentes pois os dois tem o mesmo propósito, cantar as situações vividas e sofridas no dia a dia mostrando suas realidades e muitas vezes os problemas sociais que a população enfrenta rotineiramente. A opção de um artista atuar com uma gravadora, pelo menos no cenário do Rap Nacional, ainda gera polêmicas e, para muitos, remete a uma condição de submissão do trabalho artístico ao empresário, uma relação de patrão e funcionário, e uma lógica meramente capitalista. Porém, desde o início do movimento Hip Hop no Brasil, empresários ou até mesmo rappers e simpatizantes da cultura, investiram e investem em selos e produtoras para organizar e profissionalizar o trabalho, além de lançar novos nomes no mercado. Independente da opinião de cada um, e também da lógica que cada gravadora ou produtora atue, estas empresas tem se tornado muito mais presentes no cotidiano do rap. Sejam elas de empresários, ou dos próprios rappers.

CONCLUSÃO:

Apesar das diferenças históricas, políticas e sociais entre o Brasil e o EUA, existem muitos paralelos entre os estilos e forma de vida de grupos de jovens da periferia no Brasil e nos EUA. É notável algumas semelhanças, principalmente na origem do movimento nos dois lugares e suas lutas. Baseasse ligado diretamente na classe oprimida, esquecida pela sociedade elitista, tornando do rap seu instrumento de luta, sua exposição ideológica e política, tornando clara a ineficiência do Estado, a discriminação social, o preconceito e a luta feita por uma classe oprimida na sua conquista de cidadão dentro de uma sociedade meritocrática desigual. Nos dois países vemos o ódio pela policia, o

envolvimento com o uso de drogas e o tráfico, o surgimento de gangs e o conflito entre classes. O rap vem se modificando ao percorrer do tempo, caracterizando os interesses e a realidade vivida de uma parcela da sociedade em forma de protesto por uma vida digna e igualitária. O movimento hip-hop é modificado pelo espaço em que pertence, levando a cultura própria de cada espaço através da música de determinado lugar. Um estudo da realidade vivida por certa parcela pode ser identificada perfeitamente através das letras desenvolvidas por este movimento, a importância da história da luta de uma classe dentro de um território ou um resumo de toda opressão e desigualdade social sofrida nos tempos capitalista.

Referências Bibliográficas:

De Castro, D. **Geografia e Música: A dupla face de uma relação.** Espaço e Cultura, UERJ, RJ, N. 26, P. 7-18, JUL./DEZ. DE 2009.

Andrade, N. E. **Rap e educação, Rap é educação.** Selo Negro Edições, 1999.

Contier, D. A. **O rap brasileiro e os Racionais MC's.** An. 1 Simp. Internacional do Adolescente May. 2005.

Tavares, B. **Geração hip-hop e a construção do imaginário na periferia do Distrito Federal.** Soc. estado. vol.25 no.2 Brasília May/Aug. 2010.

Laitano, S. G. **Os territórios, os lugares e a subjetividade: construindo a geografcidade pela escrita no movimento hip hop, no bairro restinga, em Porto Alegre/RS.** Espaço e Cultura, UERJ, RJ, N. 17-18, P. 33-40, JAN./DEZ. DE 2004.

Marandola, JR. E. **Heidegger e o pensamento fenomenológico em geografia: sobre os modos geográficos de existência.** GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 37, n. 1, p. 81-94, jan./abr. 2012.